



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA ARTE  
FACULDADE DE DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA**

**THAMIRES DO ROSÁRIO LIMA**

**CORPO DANÇANTE: O ENSINO-APRENDIZAGEM DA DANÇA NO ARRASTÃO  
DO PAVULAGEM, EM BELÉM - PA**

**BELÉM - PARÁ  
2025**

THAMIRES DO ROSÁRIO LIMA

**CORPO DANÇANTE: O ENSINO-APRENDIZAGEM DA DANÇA NO ARRASTÃO  
DO PAVULAGEM, EM BELÉM - PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Dança, da Universidade Federal  
do Pará, como requisito para a obtenção do  
título de licenciada em Dança.

Orientador(a): Profa. Dra. Luiza Monteiro e  
Souza

BELÉM - PARÁ  
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

---

L732c      Lima, Thamires do Rosário  
Corpo dançante: o ensino-aprendizagem da dança no Arrastão do Pavulagem, em Belém - PA / Thamires do Rosário Lima. 2025.  
33 f.  
  
Orientadora: Profª Drª Luiza Monteiro e Souza.  
  
Trabalho de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Dança, Curso de Licenciatura em Dança, Belém, 2025.  
  
1. Danças folclóricas – Belém (PA). 2. Cultura popular. 3. Etnocologia. 4. Dança – Estudo e ensino. I. Título.

---

CDD - 23. ed. 793.307

**Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
FACULDADE DE DANÇA

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos doze dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e cinco, às nove horas, na sala 22, da Faculdade de Dança - Curso de Licenciatura em Dança, reuniu-se a Banca Examinadora constituída pelas docentes: Profa. Dra. Luiza Monteiro e Souza (Orientadora e Presidente da Sessão), Profª Dra. Waldete Brito da Silva Freitas (Membro Interno), para proceder à avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "**CORPO DANÇANTE: O ENSINO-APRENDIZAGEM DA DANÇA NO ARRASTÃO DO PAVULAGEM, EM BELÉM-PA.**", de autoria da aluna: Thamires do Rosário Lima, matrícula: 201806040018, da turma: 2018, do Curso de Licenciatura em Dança. Iniciado os trabalhos, a Presidente da Sessão apresentou as normas de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso e em seguida convidou a aluna para fazer a apresentação do trabalho. Após a exposição oral, a discente foi arguida pelos membros da banca, que atribuíram conceito BOM ao seu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo sido assim aprovado (aprovado/reprovado), conforme normas regulamentares. Nada mais havendo a tratar, eu, presidente(a) da banca, lavrei a presente ata que segue assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora do trabalho avaliado e pela aluna.

Luiza Monteiro e Souza  
Presidente da Banca

Waldete Brito Silva de Freitas  
Membro da Banca

Thamires do Rosário Lima  
Aluno (a)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao universo por alinhar as energias e permitir que este ciclo se concluísse de forma tão significativa.

À Profa. Dra. Luiza Monteiro e Souza, minha orientadora, sou profundamente grata pela generosidade, paciência e pela luz que guiou meu caminho até o fim desta jornada.

Aos colaboradores da Faculdade de Dança, pelo cuidado e dedicação com os discentes, meu sincero reconhecimento.

Às minhas mães, Lígia Regina do Rosário e Sônia Maria do Rosário, agradeço pelo amor incondicional, pela perseverança e pela força que sempre me inspiraram a acreditar nos meus sonhos. Levo-as comigo, eternamente, em meu coração.

Ao Instituto Arraial do Pavulagem, pela valiosa experiência como brincante no Batalhão da Estrela, que acrescentou cores e significados ao meu percurso.

Por fim, agradeço a todos que compartilharam comigo esta trajetória acadêmica, pessoal e artística. Cada um, à sua maneira, contribuiu com aprendizados e vivências que impulsionaram meu crescimento e amadurecimento contínuo.

## RESUMO

Este trabalho investiga o processo de ensino-aprendizagem dos passos e comandos coreográficos no Segmento de Dança do Batalhão da Estrela durante os arrastões juninos do Arraial do Pavulagem em Belém-PA. Com abordagem qualitativa e etnográfica, a pesquisa utiliza relatos pessoais, registros audiovisuais e coleta de dados para analisar como o corpo brincante aprende e ressignifica os comandos coreográficos. Descreve oficinas, ensaios e cortejos juninos, destacando dimensões afetivas, inclusivas e pedagógicas. Fundamenta-se em Brandão (1982, apud Fuscaldo, 2015), Façanha (2019; 2023), Negrão (2012) e Santos (2017; 2023), evidenciando o corpo brincante como memória viva que integra tradição, identidade e resistência cultural amazônica.

**Palavras-chave:** dança, Pavulagem; cultura popular; ensino-aprendizagem, etnocenologia

Thamires do Rosário Lima (Lua Lyns)

Thamires Lima, conhecida como Lua Lyns, é graduanda em Licenciatura em Dança pela UFPA e artista pesquisadora amazônica, com foco em cultura regional e práticas corporais contemporâneas. Atuou como brincante no Batalhão da Estrela do Arraial do Pavulagem (2022-2025) e integra as companhias de dança Khaos e Cult Dance. Tem formação em dança clássica e experiência em danças contemporâneas, populares e urbanas. Sua pesquisa atual explora interseções entre arte, corpo e cultura. Além da dança, é artesã, criando acessórios em crochê, bordado e miçangas.

## **ABSTRACT**

This study investigates the teaching and learning process of choreographic steps and commands in the Dance Segment of the Batalhão da Estrela during the “arrastões juninos” of the Arraial do Pavulagem in Belém-PA, Brazil. Using a qualitative and ethnographic approach, the research employs personal accounts, audiovisual records, and data collection to analyze how the playful body learns and reinterprets choreographic commands. It describes workshops, rehearsals, and festive processions, highlighting affective, inclusive, and pedagogical dimensions. The study is grounded in Brandão (1982, apud Fuscaldo, 2015), Façanha (2019; 2023), Negrão (2012), and Santos (2017; 2023), evidencing the playful body as a living memory that integrates tradition, identity, and Amazônia’s cultural resistance.

**Keywords:** **Dance:** Pavulagem; popular culture; teaching and learning; ethnocenology.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1. CULTURA POPULAR: FOLGUEDOS E FESTA .....</b>	<b>11</b>
<b>2. “CHAMOU PAVULAGEM, VAQUEIRO!” - CAMINHOS PARA OS ARRASTÕES DO PAVULAGEM.....</b>	<b>13</b>
<b>3. CORPO BRINCANTE: MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS NO CORTEJO.....</b>	<b>21</b>
<b>4. A DESPEDIDA - CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho parte da vivência da autora como brincante<sup>1</sup> do Batalhão da Estrela, o qual “é composto por brincantes dos mais variados contextos sociais e culturais, que se unem em quatro cortejos para trazer às ruas o batalhão afiado para celebrar o boizinho azul” (Façanha, 2019, p. 4), propondo um olhar a partir da experiência de aprendizagem, celebração e saberes populares transmitidos de forma oral, fora das estruturas formais de ensino.

Assim, pretende-se refletir sobre a potência do corpo brincante, que se faz sujeito e memória viva dessa manifestação cultural. Os arrastões juninos do Pavulagem<sup>2</sup>, promovidos pelo Instituto Arraial do Pavulagem (IAP), acontecem anualmente em junho, em Belém (PA), percorrendo cerca de 950 metros da Praça da República até a praça Waldemar Henrique, no bairro da Campina.

Esta pesquisa iniciou no terceiro período da Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Pará (UFPA), na disciplina Manifestações Espetaculares Brasileiras I, ministrada pela Profa. Dra. Maria Ana Azevedo de Oliveira<sup>3</sup>, cujo trabalho final consistia em investigar uma manifestação ou ritual de interesse dos discentes.

A pesquisa, sob a ótica etnocenológica<sup>4</sup>, investigou os arrastões e a vivência prática dessa manifestação. A dança, enquanto expressão cultural, narra histórias e ressignifica experiências ao integrar corpo, canto e festa. O estudo analisa as múltiplas linguagens presentes no Batalhão da Estrela, especialmente na Dança, abordando o ensino-aprendizagem de passos e comandos coreográficos.

Justifica-se por compreender, em perspectiva etnográfica, como saberes populares são aprendidos, transmitidos no contexto urbano contemporâneo. Nesse sentido, os objetivos são;

---

<sup>1</sup> Brincante é o termo usado, entre os participantes dos arrastões, para denominar as pessoas que compõem o Batalhão da Estrela.

<sup>2</sup> A palavra “Pavulagem” tem origem no pavão e remete à ideia de algo belo ou ornamentado, assim como a cauda da ave. Por sua vez, “arraial” refere-se a uma festa realizada nas ruas. Assim, a expressão indica uma festa de rua promovida pelo próprio boi, o Boi Pavulagem, segundo Santos (2017, p. 01).

<sup>3</sup> Graduada em Educação Física (1990), mestre (2004) e doutora (2012) em Artes Cênicas pela UFPA, é professora associada da UFPA e atua no Curso de Licenciatura em Dança. Foi coordenadora e diretora da Faculdade de Dança, ministra disciplinas ligadas à dança e ao corpo, possui experiência em coreografia, danças populares e sapateado, além de coordenar grupo de pesquisa e publicar livros na área.

<sup>4</sup> A Etnocenologia, criada em 1995 na França e introduzida no Brasil em 1997 por Armino Bião, inaugura um novo paradigma nos estudos das artes cênicas. A disciplina valoriza o corpo, a espetacularidade e a teatralidade em diferentes contextos culturais. Baseada na alteridade, contrapõe-se a visões etnocêntricas e reconhece as comunidades em seus próprios termos (Santos Brígida, 2015, p. 13-15).

apresentar alguns conceitos sobre cultura popular que dialogam com o Arraial do Pavulagem; descrever os preparativos (oficinas, ensaios) que antecedem os arrastões; analisar, pela perspectiva vivencial, a dinâmica dos comandos, sinais e transmissão oral de saberes no cortejo.

E diante disso, pergunta-se: de que maneira o corpo brincante aprende, transmite e ressignifica os passos e comandos coreográficos do Segmento de Dança, do Batalhão da Estrela, no contexto do arraial junino do Arraial do Pavulagem?

Parte-se da hipótese de que o corpo brincante atua como agente ativo na aprendizagem e na transmissão de saberes coreográficos do Segmento de Dança do Batalhão da Estrela, por meio da oralidade e de processos comunitários, sensíveis e informais de socialização e prática.

O fenômeno da pesquisa segue com um trajeto qualitativo o qual “utilizam-se recursos como: entrevistas (com perguntas abertas e fechadas), história de vida, entrevista oral, estudo pessoal, mapas mentais, estudos observacionais, observação participante ou não” Mattos e Castro (2011, p. 34), tendo como caminho metodológico a etnografia<sup>5</sup> e a etnocenologia como abordagem interdisciplinar, ambas, respectivamente, permitem investigar práticas culturais a partir da experiência vivida.

O processo incluiu observação participante em oficinas, ensaios e cortejos realizados em Belém-PA, entre maio e julho de 2025, além de registros fotográficos e uma entrevista virtual com brincantes e instrutores voluntários.

O trabalho organiza-se em três segmentos: Encantarias e Folguedos, que discute cultura popular e festejos juninos em Belém; Chamou Pavulagem, Vaqueiro, que aborda os preparativos e o ápice dos arrastões em diálogo com espetacularidade; e Corpo Brincante, que reflete sobre experiências pessoais no Batalhão da Estrela e o ensino-aprendizagem dos passos e comandos coreográficos nos cortejos.

---

<sup>5</sup>A pesquisa etnográfica envolve a observação participante, colocando o pesquisador como protagonista, promovendo a imersão prolongada na cultura local, a procura por eventos tanto típicos quanto atípicos e a realização de análises a partir de processos indutivos (Mattos e Castro, 2011, p. 35).

## 1. CULTURA POPULAR: FOLGUEDOS E FESTA

A cultura popular amazônica carrega múltiplos saberes, que atravessam gerações. Costurados por cantorias, danças e crenças. São muitas expressões que ganham vida pelas ruas de Belém do Pará. Este segmento reflete sobre os conceitos de cultura popular e a vinda, da região nordeste, dos folguedos e brincadeiras de boi para Belém.

A cultura, termo polissêmico, pode ser entendida como o conjunto de costumes, saberes, crenças, artes, linguagens e práticas sociais que estruturam a vida em comunidade. Para Tylor (1975, apud Lobato, [s.d.]), corresponde a esse todo complexo de conhecimentos, valores e hábitos adquiridos socialmente. Mintz (2005, apud Santos, 2020) ressalta seu caráter humano, ligado ao tempo e à interação social, enquanto Gabriel (2020) destaca que não é herdada biologicamente, mas aprendida no convívio. Etimologicamente, deriva do latim *culturae*, ligada ao cultivo e, em sentido ampliado, ao cuidado com valores sociais. Essa aprendizagem pode ser assistemática, pela vivência cotidiana, ou sistemática, quando institucionalizada (Gabriel, 2020).

No caso do Instituto Arraial do Pavulagem (IAP), a aprendizagem da dança ocorre de forma assistemática. Um exemplo disso é o show na Praça Waldemar Henrique: após o cortejo, quando a banda toca a música, todos do batalhão, independentemente do segmento, iniciam o passo de que consiste em arrastar os pés. No show da Praça Waldemar Henrique, após o cortejo, a banda toca Cachoeira Prateada<sup>6</sup> e todos do batalhão iniciam o passo de retumbão<sup>7</sup>, arrastando os pés em círculo com poucos movimentos na parte superior do corpo.

O gesto surge com poucos participantes e se espalha coletivamente, evidenciando um aprendizado orgânico e assistemático, aprendido pela observação e vivência. Entende-se cultura, portanto, como tudo que constitui a vida social de um indivíduo — costumes, linguagens, música, arte e política — podendo ser característica de um grupo ou aparecer como traço isolado no cotidiano, sempre como parte de um complexo cultural.

Ao se falar em cultura popular, soma-se a esse conceito a noção de pertencimento coletivo. A palavra “*popularis*”, de origem latina, refere-se àquilo que é do povo ou apreciado por ele (Dicio, 2025). Assim, a cultura popular engloba tradições, costumes e práticas

---

<sup>6</sup> Música do álbum Céu da Camboinha (2013), da banda Arraial do Pavulagem.

<sup>7</sup> O retumbão seria “a dança preferida pelos integrantes da Marujada de Bragança. O ritmo seria uma evolução do lundu” (MATOS, 2004, p. 69 apud Ferreira, 2014, p. 04). Alguns pesquisadores consideram que o retumbão, segunda dança da Marujada, corresponde a uma adaptação do lundu, transformado em um ritual de caráter profano vinculado às celebrações religiosas de São Benedito (Ferreira, 2014, p. 04).

compartilhadas, diferenciando-se da cultura erudita, vinculada historicamente às elites (Dicio, 2025). As festas populares constituem-se como momentos de encontro comunitário, nos quais se atualizam tradições e se reafirmam identidades por meio de ritos, danças, músicas, comidas e vestimentas (Cascudo, 1946 *et al apud* Nunes de França; Souza, 2021). Além do caráter lúdico, essas celebrações cumprem papel socializador e simbólico, promovendo a continuidade e a ressignificação cultural.

Entre as festas de maior alcance no calendário brasileiro estão as festas juninas, celebradas no mês de junho e dedicadas aos santos católicos: Santo Antônio (13/06), São João Batista (24/06), São Pedro (29/06) e São Marçal (06/07). Introduzidas no Brasil pelos colonizadores portugueses (Costa, 2012), essas festividades possuíam inicialmente caráter religioso, mas, ao longo do período colonial, foram apropriadas e transformadas pelas populações indígenas e africanas, que adicionaram elementos próprios às celebrações, ressignificando símbolos e práticas.

Atualmente, observa-se uma reconfiguração dessas festas, marcada pelo uso de músicas, adereços, danças e trajes tradicionais, o que lhes confere caráter nostálgico e, muitas vezes, espetacularizado<sup>8</sup>, ainda que permaneçam capazes de mobilizar grandes públicos (Carvalho; Costa, 2022). A ampliação temporal também é notável: além das datas religiosas, vivencia-se hoje a intensidade de todo o mês junino e, em algumas regiões, as comemorações se estendem até julho e agosto, sendo conhecidas como festas Julinas e Agostinas (Carvalho; Costa, 2022).

No Pará, as festas populares assumem expressividade singular, resultado da confluência entre religiosidade, práticas comunitárias e espetacularidade. Como observa Façanha (2019), em Belém destacam-se as quadrilhas juninas e o Boi-Bumbá<sup>9</sup>, que integram o calendário cultural e movimentam intensamente a vida da cidade.

Pesquisadores paraenses também ressaltam a importância da festa enquanto espaço de preservação e reinvenção da cultura. Vicente Salles (1985), por exemplo, analisou a música e a

---

<sup>8</sup> Termo muito utilizado dentro dos estudos da etnocenologia e refere-se ao fenômeno de pesquisa o qual pode ser subjetivamente interpretado a partir do olhar observador-pesquisador. Há três subgrupos na qual encontram-se: “artes do espetáculo, ritos espetaculares e formas cotidianas” (Bião, 2009 apud Campos, 2019), denominados, de acordo com Bião, objetos substantiva, adjetiva e adverbialmente espetaculares (Campos, 2019, p. 28).

<sup>9</sup> Boi-bumbá: “A denominação boi-bumbá é usada nos estados do Norte, dos quais Pará e Amazonas representam duas modalidades distintas enquanto forma estética. Já o termo bumba-meu-boi é típico do Nordeste, com reconhecimento nos estados da Bahia, Pernambuco e Maranhão. As variantes formais estendem-se além da simples nomenclatura e de todo o conjunto de elementos visuais e cênicos que estruturam o bumbá” (SILVA, 2004, p. 29-30 apud SILVA, 2011, p. 35).

dança como elementos centrais da identidade amazônica. Keyla Negrão (2012) discute especificamente o Arraial do Pavulagem, apontando como a festa se tornou um espetáculo cultural que articula saberes populares, crenças e novas formas de sociabilidade no espaço urbano. Essas abordagens evidenciam que, no contexto amazônico, as festas não apenas celebram a fé ou o lazer, mas constituem-se como práticas de resistência cultural, memória coletiva e afirmação identitária.

## **2. “CHAMOU PAVULAGEM, VAQUEIRO!” - CAMINHOS PARA OS ARRASTÕES DO PAVULAGEM**

Os arrastões juninos do Arraial do Pavulagem começam muito antes do cortejo, em ensaios, oficinas e conversas entre mestres e brincantes. Este segmento apresenta os preparativos e a atmosfera coletiva do Batalhão da Estrela, onde corpos aprendem, memórias se entrelaçam e saberes populares são transmitidos. “Chamou Pavulagem, Vaqueiro!” marca o início de uma experiência que une festa, arte, tradição e resistência cultural amazônica.

De uma brincadeira de amigos, surgiu uma das manifestações culturais mais esperada no mês de junho na cidade de Belém do Pará, o Arrastão do Pavulagem. A brincadeira junina surgiu em 1987, a partir de encontros de um grupo de músicos paraenses que se reuniam aos domingos à tarde em frente ao Teatro Experimental Waldemar Henrique, localizado na Praça da República em Belém. Segundo Façanha (2023), inicia como um movimento artístico, pois a banda não tinha público e nem oportunidade de divulgar seus trabalhos com a música e com a cultura popular paraense. O grupo não sabia, com exatidão, o que exatamente estavam prestes a desenvolver, mas possuíam a certeza do desejo em difundir a cultura paraense.

A falta de incentivo no cenário musical popular, impulsionou-os a seguirem adiante com o projeto de criar uma roda de boi, pois “não tinham seus trabalhos divulgados nas rádios da cidade e, tampouco, tinham acesso aos teatros” (Façanha, 2022, p. 04). A ideia da roda de boi surgiu de forma espontânea, por Rui Baldez<sup>10</sup> que propôs, como relata Ronaldo Silva (2022), de “botar um boi na rua” para atrair público e para conhecerem a banda, conhecer seu trabalho,

---

<sup>10</sup> Músico e compositor paraense, foi o fundador e idealizador do boi pavulagem juntamente com Junior e Tony Soares e Ronaldo Silva, Segundo Carmo (2023).

o qual está ligado a regionalidade, aos ritmos paraenses como o xote bragantino<sup>11</sup>, o carimbó<sup>12</sup> e também, devido às raízes maranhenses de Rui Baldez, a toada de boi bumbá.

De acordo com o Instituto Arraial do Pavulagem (2016) o Boi, é uma manifestação cultural presente em diversas regiões do Brasil, recebendo diferentes nomes conforme o local. No Norte, é conhecido como Boi Bumbá. A parte musical, especialmente o ritmo, é chamada de toada de boi, que constitui o principal ritmo do Arrastão do Boi Pavulagem

A palavra “Pavulagem” segundo o Instituto Arraial do Pavulagem (2025), pertence ao vocabulário da cultura popular amazônica e remete a sentimentos de vaidade, orgulho e beleza. No uso cotidiano paraense, é atribuída a quem gosta de se arrumar ou se exibir ao sair. Entretanto, nos arrastões e no arraial, esse termo ganha novas camadas de sentido: torna-se sinônimo de encanto, de brincar com o corpo, com a música e com a tradição. É transformar o ato de desfilar pelas ruas, com chapéu de fitas e roupas que celebram o Pará e a Amazônia, em uma manifestação de orgulho e poesia em forma de cortejo.

Os músicos pesquisaram cidades do interior do Pará, como Cachoeira do Arari, Marajó e Bragança, resgatando memórias e histórias que inspiraram composições sobre a cultura amazônica, o misticismo e as encantarias locais. Aos poucos, aos finais de semana na Praça da República, mais pessoas se envolveram com a banda, consolidando a ideia de levar um boi para a rua e pesquisando danças de ritmos como carimbó e outros da cultura paraense. E a partir dessa imersão, criaram um grupo para compor coreografias para as músicas da banda (Façanha, 2019; Negrão, 2012). Após muitas pesquisas e estudos, surgiu o Boi Pavulagem do Teu Coração, nome inicial dado à brincadeira de boi.

Em 2003, criou-se o Instituto Arraial do Pavulagem (IAP). O Instituto é uma organização civil sem fins lucrativos que busca desenvolver ações culturais amazônicas, visando à valorização cultural, englobando variadas linguagens artísticas como dança, canto e artes visuais. Além dessas questões, o Instituto Arraial do Pavulagem incentiva o respeito à

---

<sup>11</sup> Segundo Ferreira (2014) o Xote, ou xotis, tem origem germânica (*schottisch*) e chegou ao Brasil no século XIX, influenciando músicos de choros e salões de dança do Rio de Janeiro (Dourado, 2004). Em Bragança, foi incorporado à Marujada como forma de agradecimento e louvor aos líderes locais (Matos, 2004). A dança, chamada “Xote bragantino”, ganhou grande aceitação popular e desenvolveu características próprias nas terras dos Caetés (Moraes, Aliverti, Silva, 2006).

<sup>12</sup> O termo carimbó faz-se referência ao instrumento musical denominado *curimbó*, o qual é feito de um tronco o qual é escavado até ficar oco. Ambas as palavras carimbó ou curimbó derivam de origem Tupi sendo *curi* (madeira, pau) e *m'bó* (oco, furado). A dança carimbó assim como outros elementos como o canto e a poesia foram acrescentados a manifestação artística e cultural do carimbó ao decorrer do tempo, tornando a conjuntura desses elementos que conhecemos atualmente segundo Fuscaldo (2014/2015).

natureza e as tradições culturais da região paraense. Entre suas ações, destacam-se oficinas e ensaios que antecedem os arrastões, envolvendo dança, percussão e perna-de-pau, além de projetos de oralidade e ações sociais (Façanha, 2019; Negrão, 2012).

O governador do Pará, Helder Barbalho, sancionou a Lei nº 408/2024, de autoria da deputada estadual Lívia Duarte, que institui junho como o “Mês do Arrastão do Pavulagem” Marques (2025). Antes disso, já havia sido reconhecido como Patrimônio Cultural de Belém (2017) e do Pará (2020), como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Pará, de Belém e como expressão da cultura nacional, o evento é celebrado como símbolo da identidade amazônica e espaço de inclusão social.

Em 5 de setembro de 2024, publicada no Diário Oficial da União, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Arraial do Pavulagem foi elevado à categoria de manifestação da cultura nacional pela Lei nº 14.961/24. O projeto que originou a lei, de autoria do ex-deputado federal Cássio Andrade, justificava a importância do evento ao ressaltar seu papel no fortalecimento da cultura popular, na prevenção da violência, no estímulo à economia criativa e na preservação das tradições locais. Segundo Andrade (apud Brasil, 2019), o Arraial do Pavulagem:

estimula a produção cultural coletiva, contribui para a prevenção da violência e uso de drogas, amplia a possibilidade de geração de renda para os envolvidos e preserva as manifestações culturais, respeitando as tradições ao mesmo tempo em que promove mudanças nelas (Andrade *apud* Brasil, 2019).

O Batalhão da Estrela surgiu de pessoas que acompanhavam a banda. Nomes como Rui Baldez e Nazareno Silva foram fundamentais para sua formação, criando coreografias e oficinas de brinquedos de miriti. O grupo se estruturou organicamente e hoje conta com diferentes segmentos. O cortejo segue ordem específica: ala da Campina com crianças, segmento de dança com adereços, de música e pernaltas, funcionando em sincronia, onde cada gesto e passo repercute no conjunto, criando uma sincronia semelhante a ondas do mar que se encontram.

Figura 1- Porta-estandartes do segmento de dança



Fonte: Yulli Moraes (2025)

Figura 2 - Pierrô e as crianças da campina



Fonte: Coutinho (2025)

Figura 1 - Segmento de dança em cortejo



Fonte: Adryan Schwan (2025)

O segmento de dança inclui brincantes das oficinas, usando adereços de miriti<sup>13</sup> com pássaros e folhas, e porta-estandartes<sup>14</sup> à frente portando bandeiras dos santos católicos como São João e Santo Antônio. Organizam-se em dez filas, com espaço central para o boi e convidados. Em seguida, vem o segmento musical, com metais, banjo e percussão.

Por fim, os pernaltinhas e pernaltas, em ordem crescente de acordo com o tamanho das pernas de pau (40, 60 e 80 cm), acompanhadas de responsáveis para apoio, segurança e distribuição de água. Ao redor do Batalhão ficam os apoios, voluntários que distribuem água e

<sup>13</sup> O miriti, palmeira comum nas várzeas amazônicas, é amplamente usado no Pará. Também é matéria-prima de brinquedos artesanais feitos de sua bucha (Silva; Carvalho, 2012, p. 18).

<sup>14</sup> Indivíduo responsável por carregar a bandeira ou estandarte; também chamado de porta-bandeira ou vexilário.

garantem a segurança dos brincantes, prevenindo acidentes quando o público invade o espaço do cortejo. Ressalto que a ordem de descrição apresentada corresponde à ordem em que os segmentos desfilam no cortejo

Figura 4 - Maracas personalizadas



Fonte: Adryan Schwan (2025)

Figura 5 - Segmento de música em cortejo



Fonte: Adryan Schwan (2025)

Figura 6 - Instrutores dos pnalts



Fonte: Adryan Schwan (2025)

Figura 7 - Segmento de pnalts em cortejo



Fonte: Adryan Schwan (2025)

Márcio Gomes, “tripa” do Boi Pavulagem há mais de 30 anos, prepara a nova geração para o cargo. Os preparativos começam cerca de um mês antes dos cortejos, com inscrições online para oficinas e ensaios, em que os participantes escolhem entre dança, percussão, perna-de-pau ou cavalinho. Novatos devem participar das oficinas; veteranos, apenas dos ensaios. Sobre Márcio Gomes, nosso Baba, apelido carinho o qual atende, é visível seu amor pela cultura paraense e pelo boizinho azulado.

Figura 2 - Bois pavulagens em cortejo



Fonte: Adryan Schwan (2025)

Figura 9 – Márcio Gomes e seu aprendiz à esquerda



Fonte: Adryan Schwan (2025)

Durante a preparação para os cortejos, os brincantes aprendem coreografias, ritmos amazônicos e técnicas específicas, como os pernaltas, que treinam equilíbrio nas pernas de pau. O equilíbrio é mantido por meio de uma pequena marcha contínua, já que permanecer parado pode ocasionar a perda de estabilidade. Nas oficinas de percussão, iniciantes aprendem os instrumentos e músicas do cortejo. Na Campina, crianças de 6 a 8 anos participam de atividades lúdicas antes de integrar as demais alas, sempre acompanhadas por instrutores e responsáveis. Na oficina de dança, os novos brincantes aprendem os passos básicos das coreografias do cortejo, como o bozinho, a meia lua, o giro estrela e as marcações lateral e frente-atrás, que serão posteriormente apresentados.

Projetos paralelos, como o Oralidades, ampliam ainda mais essa preparação ao promover diálogos sobre cultura popular, saberes ancestrais e histórias locais, envolvendo não apenas os participantes, mas também o público em geral, de forma gratuita (Façanha, 2019). A respeito sobre o projeto Oralidades, o perfil oficial do IAP publicou:

o projeto Oralidades é um canal do Instituto Arraial do Pavulagem de troca de saberes, de parceria com a universidade e com as pessoas da cultura popular, para que a gente possa construir e contribuir para uma formação mais integral desse brincante do futuro. (Silva, 2023 *apud* Instituto Arraial Do Pavulagem, 2023).

Os cortejos iniciam no segundo domingo de junho e se estendem até o primeiro domingo de julho. A concentração ocorre em frente ao Theatro da Paz, na Praça da República, às 08

horas da manhã e inclui ajustes finais das coreografias, preparação de alegorias e afinação da banda.

Figura 10 – Concentração do batalhão em frente ao Theatro da Paz, em Belém



Fonte: Adryan Schwan (2025)

E de acordo com o Sarges (2025), em 2025 o Batalhão da Estrela atingiu um número recorde de brincantes, totalizando em aproximadamente de 1.200 somando todos os segmentos. A vestimenta dos participantes também representa identidades regionais, com saias rodadas, chapéus de pescador e calças curtas (Negrão, 2012).

Todos os participantes usam a camisa azul oficial do Arrastão, combinada com uma peça inferior branca, que pode ser saia, calça ou short. No ano da realização desta pesquisa, o tema dos arrastões era “Arraial da Floresta”, reforçando a conexão entre cultura popular e consciência ambiental, Sarges (2025). Tanto a arte quanto os enfeites bordados no “couro do boi” foram inspirados na floresta. Há liberdade para personalização, desde que a base mantenha o branco como obrigatório. O traje inclui também o chapéu de fitas, caracterizado por uma estrela azul no centro e oito fitas de cetim nas cores azul, vermelho, amarelo e verde. Os adereços extras e a maquiagem ficam a critério de cada brincante, com exceção dos pernaltas, que utilizam uma maquiagem característica, como ilustrado na imagem de referência.

Figura 11 - Adereço carregado pelos brincantes do segmento de dança



Fonte: Adryan Schwan (2025)

Figura 12 - Pernalta fazendo maquiagem



Fonte: Adryan Schwan (2025)

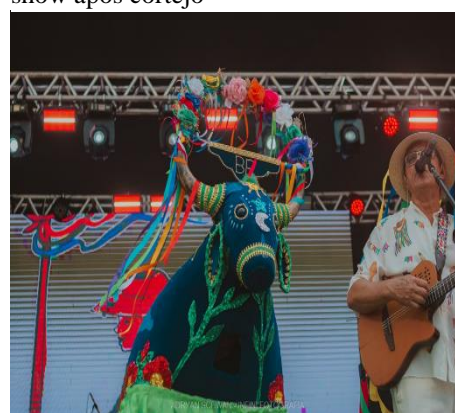
Durante os arrastões, músicas e danças regionais são apresentadas, promovendo interação com o público e ocupação das ruas da cidade (Negrão, 2012; Façanha, 2019). O trajeto dos arrastões desde 2022. A imagem abaixo apresenta o trajeto dos Arrastões iniciam na Praça da República e percorrem a Avenida Presidente Vargas até alcançarem a Praça Waldemar Henrique, aproximadamente às 12 horas da manhã e então o cortejo se encerra com apresentações da banda.

Figura 13 - Batalhão chegando à praça Waldemar Henrique



Fonte: Adryan Schwan (2025)

Figura 14 - Vocalista e boi pavulagem e show após cortejo



Fonte: Adryan Schwan (2025)

Figura 15 - Mapa de trajeto dos cortejos juninos de 2025



Fonte: Instituto Arraial do Pavulagem (2025)

O Arraial do Pavulagem promove resistência cultural, fortalecendo tradições amazônicas e aproximando ciência, saber popular e cultura urbana (Santos, 2007). As atividades contribuem para a formação musical, a preservação de ritmos e danças regionais, e o engajamento comunitário, consolidando-se como espaço de protagonismo coletivo (Façanha, 2019). A festa também permite diálogo entre tradição e contemporaneidade, rural e urbano, religioso e profano, tornando o espaço público um palco de cultura e cidadania, além de promover turismo cultural e consumo responsável (Negrão, 2012).

### 3. CORPO BRINCANTE: MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS NO CORTEJO

Ser brincante do Batalhão da Estrela vai além da dança: é construir memórias e afetos. Neste segmento, relato minha experiência no Segmento de Dança em 2025, destacando passos coreográficos, sinais entre brincantes, emoção coletiva e aprendizagens entre tradição e prática. Desde abril de 2022, participei das oficinas, ensaios e cortejos do IAP, resultando em quatro anos consecutivos como brincante do segmento de dança. De acordo com Santos:

A oficina de dança foi a terceira oficina implementada ao processo de construção dos Arrastões do Pavulagem e, assim como a oficina de canto, teve como principal objetivo o engajamento das pessoas nos shows da banda Arraial do Pavulagem e no Arrastão. Logo no início das atividades, não existiam esses passos que hoje são bem conhecidos durante os arrastões. Assim, a ideia do grupo era agregar o máximo de pessoas possíveis à brincadeira, porque a intenção era formar uma plateia que vivenciasse a cultura popular e valorizasse esses saberes nesse cenário urbano (Santos, 2023, p. 07).

A escrita, guiada pela etnografia, busca revelar as camadas sensíveis do ser brincante, que pulsam no corpo que dança e canta. O que relato a seguir convida os leitores a sentir ou recordar as emoções do corpo-brincante. Sou brincante do Batalhão da Estrela há quatro anos, no Segmento de Dança, tendo iniciado em 2022, mas planejava participar desde 2019 para vivenciar a pesquisa in loco. Por alguns motivos da época, não participei naquele ano, mas acompanhei como “pipoca” os arrastões. A experiência que tive em 2020 e 2021, devido à pandemia de COVID-19, não incluiu arrastões presenciais. Para acalantar os corações pavuleiros<sup>15</sup>, houveram *lives* transmitidas pelas redes sociais do IAP durante os meses juninos. Dois anos após minha primeira tentativa, estava eu saindo em cortejo com o boizinho azulado “pelas ruas de Belém”, e então passaram quatro anos sendo brincante nesta enorme família chamada Batalhão da Estrela.

Esta foto abaixo à direita, foi capturada no último dia de oficina do batalhão, em 2022. Nela estão presentes os novos brincantes do batalhão, incluindo eu. Na primeira fileira ao centro, estão os instrutores — da esquerda para a direita: Ygor Phelipe, Lúcia Almeida, Amanda Coutinho e Denize Del-Tetto — pessoas inspiradoras que compartilham seus saberes com centenas de participantes ao longo dos anos.

Figura 16 - Live realizada em 2021



Fonte: Instituto Arraial do Pavulagem (2021)

Figura 17 - Encerramento das oficinas de dança, 2022



Acervo Pessoal (2022)

Visto que este ocorre de “forma oral e não através da organização sistemática de ensino-aprendizagem da sociedade moderna” (Brandão, 1982, *Apud*, Fuscald, 2015, p. 82 ), com mestres e instrutores transmitindo conhecimentos por meio de vivências e práticas,

---

<sup>15</sup> Palavras como pavuleiro(a), pavulento são expressões frequentemente utilizadas por brincantes do Batalhão da Estrela e faz-se referência ao sentimento pelo Boi Pavulagem.

incentivando a importância do reconhecimento desses saberes cotidianos, dos saberes populares da comunidade, o qual contribui para a preservação dos festejos de rua, folguedos juninos da região amazônica, em específico, na cidade de Belém do Pará. O segmento de dança é organizado em fileiras; ao todo são 10 fileiras que ocupam a extensão das ruas durante os cortejos. Segundo Façanha (2023, p. 11), “todas essas instruções têm sempre as sinalizações. Tem uma regência da dança”.

Figura 18 - Thamires Lima e outros brincantes de dança em cortejo



Fonte: Luiz Henrique (2025)

Figura 19 - Dança organizada em fileiras em cortejo



Fonte: Luiz Henrique (2025)

Com mais de trezentos brincantes, a comunicação verbal é impossível diante, também, das informações sonoras produzidas pelos instrumentos e pelo canto. As sinalizações manuais permitem que todos acompanhem os passos de quase em sincronia. O instrutor inicia os gestos, as primeiras fileiras seguem e as demais gradativamente, até que todos executam os passos simultaneamente, criando um efeito semelhante a ondas.

Acredito que, esse efeito lembra-me as ondas dos rios ou das praias, que vêm do meio e percorrem um caminho até a margem, chegando ao destino final. No contexto dos arrastões, os passos de dança e os comandos são ensinados pelos instrutores como forma de comunicação coletiva. A partir de minhas vivências como brincante, utilizarei algumas nomenclaturas anatômicas para facilitar a compreensão dos movimentos a seguir:

- a) meia lua: a perna direita realiza uma circundação<sup>16</sup> da articulação coxo-femoral; somado a um pequeno salto ritmado e um arrastar do pé esquerdo para trás. O

---

<sup>16</sup> Segundo Junqueira et al. (2019, p. 11), “circundação é o movimento orbicular que correlaciona as respectivas seqüências: Flexão - Rotação lateral - Abdução - Extensão - Rotação medial - Adução”.

- comando é feito com dois dedos juntos (indicador e médio) girando em sentido anti-horário, sinalizado pelo instrutor à frente da primeira fileira;
- b) meia lua dupla: o movimento é semelhante ao anterior, porém repete-se duas vezes, em seguida, há um pequeno giro completo valseado no sentido horário. O comando sinalizado pelo instrutor à frente da primeira fileira é feito a partir de uma flexão de ombro e cotovelo e os dois dedos abertos (indicador e médio) parados;

Figura 20 - Brincantes executando o passo de dança



Fonte: Luiz Henryque (2025)

- c) boizinho para o lado: inicia cruzando a perna no sentido contrário do deslocamento, seguido de um balanço do tronco simulando o boi, com braços flexionados e mãos fechadas. O sinal é feito com os braços abduzido para a lateral, dedos juntos acenando levemente para cima e para baixo;
- d) passo lateral cruzado: semelhante ao anterior, mas sem a simulação do boi. O sinal é dado com hiper flexão de ombro para o lado que se deve cruzar as pernas, uma única vez;

Figura 21 - Instrutor sinalizando para o batalhão executar o passo para lateral cruzado



Fonte: Yulli Moraes (2025)

Figura 22 - Batalhão executando o passo lateral cruzado



Fonte: Yulli Moraes (2025)

- e) passo frente-atrás: como uma marcha, pisando alternadamente à frente e atrás. O comando segue em hiper flexão de ombro, acenando levemente com a lateral das mãos;
- f) passo frente-atrás saltitando: semelhante ao anterior, mas inclui meio giro. Não possui comando fixo; costuma ser iniciado pelo grito coletivo “virou”;
- g) passo giro estrela: introduzido em 2025, é uma variação do passo frente-atrás saltitando, mas com giro completo antes da segunda pisada. Pode ser feito à frente ou lateralmente. O comando segue em hiper flexão de ombro e dedos (indicador e médio), em abduzidos;
- h) passo lateral: semelhante ao forró, com dois passos para cada lado. Não tem comando específico, mas braços e mãos acompanham o movimento como se estivessem “abrindo caminho”;
- i) marcação frente, meio e trás: semelhante ao boizinho, mas alternando pisadas (frente, lado, atrás) com tronco flexionado. Não possui comando; os brincantes reconhecem a partir do ritmo da música;
- j) frente, frente – atrás, atrás: começa com duas marcações à frente com o pé direito, seguidas de duas atrás (pé direito e depois esquerdo). O sinal segue com hiper flexão de ombro, acenando duas vezes rapidamente com a lateral da mão;
- k) saltinho frente-atrás: alternam-se pisadas no lugar, com pequenos saltos para frente e para trás. Não possui comando específico;

- 1) laço com dedo: movimento inspirado nos vaqueiros, simulando o rodopiar de corda acima da cabeça; alguns usam dois dedos (indicador e médio), outros simulam segurar uma corda.

Em 2025, o segmento de dança incorporou novos passos, como Giro Estrela, Meia Lua Dupla, aumentando a complexidade das coreografias. Muitos conseguiram executar os passos nos últimos dias de ensaio, próximos ao ensaio geral outro apenas nos arrastões. Para uma melhor visualização dos passos e comandos apresentados, sugiro a leitura do QR Code abaixo, que contém um registro audiovisual demonstrando esses passos e comandos.

Figura 23 - QR Code para acesso ao arquivo audiovisual dos passos e comandos de dança



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

Vale destacar que nem sempre todos conseguem visualizar os sinais dos instrutores na frente. Por isso, uma estratégia é observar o brincante à frente ou ainda se guiar pela música, já que cada canção traz uma composição coreográfica própria. Além desses, existem passos extras pouco utilizados nos arrastões, mas que aparecem nos shows da banda, onde os brincantes aprendem pela vivência.

As entrevistas foram realizadas em 30 de julho de 2025 com instrutores e brincantes voluntários do Batalhão da Estrela. Para os instrutores, as perguntas abordaram conteúdo das oficinas, organização do segmento de dança, rotina de ensaios e cortejos, logística de comunicação e origem dos passos e comandos. Para os brincantes, as perguntas trataram de suas experiências no batalhão, encontros com os arrastões e o IAP, e opiniões sobre o ensino-aprendizagem e comunicação nos cortejos. As entrevistas foram realizadas virtualmente pelo *WhatsApp*, facilitando o acesso a participantes de diferentes regiões da cidade e de outras cidades.

Em entrevista, Amanda Coutinho, instrutora do Segmento de Dança, relatou que entrou para o batalhão em 2010 e descreveu sua experiência como um misto de expectativas, encantamento, paixão, amor, aprendizado e desafios. Segundo ela, “o nome que surge quando se fala em dança é Max”. A equipe do segmento é formada por dois instrutores e dois auxiliares, planejando todas as etapas dos cortejos para que todos aprendam e executem os passos com facilidade.

Segundo Junior Soares (2023, *apud* Santos, 2023) a dança estabelece uma interação tanto com os artistas no palco quanto com o público nas ruas, sendo o principal meio pelo qual as pessoas se engajam na brincadeira. Esse elemento de pertencimento contribuiu significativamente para o crescimento do Arraial do Pavulagem. Além disso, Max, uma das figuras pioneiras no que diz respeito aos comandos e coreografias que hoje conhecemos, desempenhou um papel fundamental ao introduzir a base coreográfica na época, tornando-se uma figura central nesse processo de desenvolvimento da dança no cortejo.

Amanda Coutinho destacou a importância de atenção durante os cortejos, dada a grande quantidade de brincantes e público, e a necessidade de resolver problemas rapidamente. Há comunicação constante entre instrutores e auxiliares, com troca de ideias, cuidado e respeito. O número de filas do segmento de dança é planejado segundo idade e experiência, observando-se quem memorizou coreografias e músicas para ocupar as primeiras filas. Amanda prefere os termos “iniciantes” e “iniciados”, promovendo acolhimento. Destacou ainda, que o Arraial do Pavulagem desperta nela sentimentos de libertação, alegria, amor, trabalho, troca, aprendizado e cultura.

Jackeline Oliveira, brincante há quatro anos, conheceu o Batalhão da Estrela pelas oficinas e comentou que nem todos conseguiram executar os novos passos, especialmente os mais idosos, devido à dificuldade com giros. A observação destaca a importância de coreografias inclusivas, considerando crianças, idosos e pessoas com deficiência, promovendo a inclusão. Ângela Pereira, brincante sem experiência prévia em dança, ressaltou a atenção e exigência dos instrutores e sugeriu que alternem posições durante o cortejo para que todos acompanhem os sinais corretamente. Instrutores e auxiliares mantêm comunicação constante, garantindo sincronia e fluidez. As primeiras fileiras de dança conduzem o batalhão, enquanto as intermediárias e finais apoiam e reforçam musicalmente o cortejo. Ana Tavares, brincante

há oito anos, descreve os arrastões como experiências emocionais intensas, especialmente ao cantar “Iniciais BP<sup>17</sup>”, momento de alegria e energia coletiva.

Os ensaios iniciais e oficinas ocorrem em formato circular, sem deslocamento, para aprendizado básico dos movimentos. Nos últimos dias, os ensaios passam a incluir deslocamento na Avenida Boulevard Castilho França, preparando os brincantes para o cortejo de abertura da quadra junina, a Levantação do Mastro, três dias antes do primeiro arrastão. O Batalhão da Estrela promove inclusão de crianças, idosos e pessoas com deficiência, embora passos complexos, como giros, aumentem a dificuldade para alguns participantes.

Ângela Pereira, sem experiência prévia em dança, sentiu-se acolhida pelos instrutores e sugeriu que alternem posições durante o cortejo para que todos acompanhem os sinais corretamente. Walkiria Silva, brincante há três anos, ressalta o cansaço físico dos ensaios, mas considera o esforço válido, apontando a necessidade de sensibilidade ao ritmo dos participantes mais velhos. Thaísa Cunha, há um ano no batalhão, destaca que as oficinas fortalecem a conexão entre iniciantes e experientes, valorizando a diversidade de estilos individuais mesmo dentro do movimento coletivo.

Durante os arrastões, todos os segmentos do batalhão funcionam de forma sincronizada, e cada gesto repercute no conjunto. A energia coletiva contagiando o público é especialmente intensa durante a música Iniciais BP, considerada o ápice da experiência por muitos brincantes (Ana Tavares, 2025). Amanda Lopes, participante desde 2018, ressalta os desafios das coreografias complexas para Pessoas com Deficiências (PcDs) e idosos, destacando a necessidade de ajustar o ensino sem perder a essência do cortejo.

Ser brincante do Batalhão da Estrela envolve construir memórias, afetos e habilidades, formando um corpo híbrido — técnico, afetivo e relacional — que se desenvolve pelo encontro entre tradição, prática e experiência individual (Silva, 2011). A experiência dos cortejos mostra que o corpo brincante é memória, aprendizado e sensibilidade. Cada gesto e sinal entre instrutores e brincantes carrega saber coletivo, aprendido pela imersão física, emocional e social. A energia dos arrastões transforma o espaço urbano em território de memória e celebração cultural.

Relatos sobre inclusão, desafios dos novos passos e estratégias dos instrutores evidenciam a aprendizagem como processo dinâmico e colaborativo, formando um corpo

---

<sup>17</sup> Música do álbum Arrastão do Pavulagem, de 2001. Em 2003, foi introduzida ao álbum Arraial do Pavulagem ao vivo.

híbrido sensível às condições físicas, emocionais e sociais. Palavras como amizade, alegria, diversidade, espetáculo e cultura viva refletem as vivências compartilhadas pelos participantes, muitos acompanhando a banda há 10, 20 ou 30 anos.

#### **4. A DESPEDIDA - CONSIDERAÇÕES**

A pesquisa investigou, por meio da etnografia, o ensino-aprendizagem da dança no Segmento de Dança do Batalhão da Estrela durante os arrastões juninos do Arraial do Pavulagem em Belém. A metodologia permitiu imersão nas práticas corporais, memórias e afetos da festa, coletando dados também por entrevistas virtuais.

A análise mostrou que o corpo brincante vai além do movimento técnico, funcionando como espaço de sociabilidade, pertencimento, resistência cultural e produção de sentidos. Os objetivos — descrever a preparação, analisar passos e comandos, e refletir sobre a transmissão do saber — foram alcançados, evidenciando aprendizagem assistemática baseada em oralidade, observação e prática coletiva, com instrutores e brincantes atuando de forma horizontal e complementar, abrangendo dimensões técnicas, afetivas e sociais.

O estudo evidenciou o corpo brincante como mediador de memórias e saberes, com gestos e passos carregados de significados que transformam o espaço urbano em território de celebração e resistência. Esse corpo é híbrido: técnico e afetivo, individual e coletivo, tradicional e contemporâneo, mostrando que a aprendizagem nos arrastões é processual e comunitária. Entrevistas com instrutores e brincantes destacaram a dimensão pedagógica e inclusiva da manifestação, evidenciando estratégias para garantir participação de todos, mesmo diante da diversidade etária e física. O Arraial do Pavulagem se configura, assim, como espaço de festa e também como laboratório social e educacional.

A pesquisa evidencia o Arraial do Pavulagem como expressão de resistência amazônica e fortalecimento da identidade regional. Reconhecido como patrimônio cultural imaterial, o evento reafirma tradições, fomenta a economia criativa e fortalece vínculos comunitários, incorporando novos elementos estéticos e coreográficos. A experiência pessoal da pesquisadora como brincante acrescenta autenticidade, permitindo articular teoria e prática, corpo e memória, e reforçando a importância do pesquisador como participante do fenômeno estudado.

O ensino-aprendizagem da dança no Batalhão da Estrela evidencia a cultura popular como espaço de transmissão de saberes, formação de identidades e construção coletiva de conhecimento. O corpo brincante atua como protagonista de um processo educativo, artístico e

social, enquanto festas, ensaios e cortejos funcionam como territórios de memória, afetividade e resistência cultural. O estudo reforça a relevância de manifestações como o Arraial do Pavulagem, não apenas como espetáculo, mas como práticas pedagógicas e culturais que preservam e reinventam a memória amazônica, inspirando futuras pesquisas sobre saberes tradicionais e ensino-aprendizagem.

Assim, ao final desta trajetória, entende-se que ser brincante é mais do que dançar: é partilhar afetos, é construir memória coletiva, é ressignificar o espaço urbano pela arte e pela cultura.

E... “Chamou Pavulagem, Vaqueiro!”

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Projeto de Lei nº 4284, de 7 de agosto de 2019. Reconhece o Arraial do Pavulagem como manifestação da cultura nacional. *Câmara dos Deputados*, Brasília, DF. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2213873>. Acesso em: 29 ago. 2025.

BRÍGIDA, Miguel de Santa. A etnocenologia na Amazônia: trajetos – projetos – objetos – afetos. *Repertório: Teatro & Dança*, Salvador, n. 25, p. 13-23, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/15390/10539>. Acesso em: 26 jul. 2025.

CAMPOS, Maria Teixeira. A construção da identidade cultural na Marujada de Belém: manifestações, corpos e espetacularidade. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) — Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33062/1/DISSERTAC%CC%A7A%CC%83O%20MARIA%20TEIXEIRA%20CAMPOS%20-%20PDF%20%283%29%20%281%29.pdf>. Acesso em: 03 set. 2025.

CARVALHO, B. F. C. B.; COSTA, C. S. Festas de São João: das origens à atualidade. In: *FESTIVIDADES, CULTURAS E COMUNIDADES*. Braga: Universidade do Minho, 2022. p. 73-83. DOI: <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.6>.

CARMO, Beto do. A morte e a morte de Ruy Baldez. *Diário Online*, Belém, 16 jun. 2023. Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/para/814435/a-morte-e-a-morte-de-ruy-baldez>. Acesso em: 28 ago. 2025.

COSTA, Cleonildes Aquino da. Festa junina: síntese de uma mistura cultural. 2012. 36 f., il. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) — Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Sena Madureira-AC. Disponível em: [https://jbb.ibict.br/bitstream/1/1136/1/2012\\_CleonildesAquinodaCosta.pdf](https://jbb.ibict.br/bitstream/1/1136/1/2012_CleonildesAquinodaCosta.pdf). Acesso em: 28 jul. 2025.

DICIO. Popular. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: [https://www.dicio.com.br/popular/#:~:text=Etimologia%20\(origem%20da%20palavra%20popular,popularis%2C%20%22do%20povo%22...](https://www.dicio.com.br/popular/#:~:text=Etimologia%20(origem%20da%20palavra%20popular,popularis%2C%20%22do%20povo%22...) Acesso em: 16 ago. 2025.

FAÇANHA, T. M. M. Para um protagonismo “das pessoas”: revisão de literatura sobre o Instituto Arraial do Pavulagem. In: *CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA*, 29., 2019, Pelotas. *Anais...* Pelotas: ANPPOM, 2019. Disponível em: [https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2019/6068/public/6068-20606-1-PB.pdf](https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2019/6068/public/6068-20606-1-PB.pdf). Acesso em: 23 ago. 2025.

FAÇANHA, T. M. M. A dança como processo de engajamento da audiência nos Arrastões do Pavulagem. *33º Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*, São João del-Rei, p. 01-13, out. 2023. Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/xxxiiicongresso/33congr/paper/viewFile/1989/1143>. Acesso em: 23 ago. 2025.

FERREIRA, L. M. Batuques da Marujada de Bragança-PA. *Anais do Encontro Regional Norte da ANPPOM*, v. 2, p. 1575-1578, 2014. Disponível em: [http://abemeducacaomusical.com.br/anais\\_ernt/v2/papers/1575/public/1575-6773-1-PB.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ernt/v2/papers/1575/public/1575-6773-1-PB.pdf). Acesso em: 28 ago. 2025.

FUSCALDO, B. M. H. O carimbó: cultura tradicional paraense, patrimônio imaterial do Brasil. *Revista CPC*, São Paulo, n. 18, p. 81–105, dez. 2014/abr. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i18p81-105>. Acesso em: 02 jul. 2025.

GABRIEL, J. O que é cultura? *Brasil Escola*, 01 jan. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o2XKjnxYMxk>. Acesso em: 16 ago. 2025.

INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM. Fotografia publicada em 2025 no perfil oficial do Arraial do Pavulagem, página “Arraial do Pavulagem” no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1108514081300473&set=pb.100064256756774.-2207520000&type=3>. Acesso em: 29 ago. 2025.

JULIA M., Marques. Governador sanciona junho como mês do “Arrastão do Pavulagem”. *Diário Online (DOL)*, Belém, 2 jun. 2025. Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/para/909162/governador-sanciona-junho-como-mes-do-arrastao-do-pavulagem?d=1>. Acesso em: 29 ago. 2025.

JUNQUEIRA, José Otávio Guedes; CAMILO, Gustavo Bittencourt; TEIXEIRA, Henrique Guilherme de Castro; FERRARO, Matheus Cruz; TOLEDO, Gabriela Cumani; VILELA, Vagner Moysés; SILVA JÚNIOR, Cilmário Leite da; JUNQUEIRA, Bruna Bandeira de Oliveira; JUNQUEIRA, Thaís Bandeira de Oliveira. *Articulações: atlas de anatomia radiológica*. 2019. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/anatomia/files/2021/03/Articula%C3%A7%C3%B5es.pdf>. Acesso em: 3 set. 2025.

LOBATO, J. P. Conceito antropológico de cultura. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: [https://www.academia.edu/66784309/Conceito\\_antropol%C3%B3gico\\_de\\_cultura](https://www.academia.edu/66784309/Conceito_antropol%C3%B3gico_de_cultura). Acesso em: 16 ago. 2025.

NEGRÃO, K. Arraial do ‘Arraial do Pavulagem’: cultura da festa, saberes populares e espetáculo na Amazônia Paraense. In: RUBIM, L. S. O.; MIRANDA, N. M. (orgs.). *Coleção Cult – Estudos da Festa*. Salvador: EDUFBA, 2012.

SARGES, Wal. Arrastões do Arraial do Pavulagem 2025: veja as datas, horários e o trajeto. *Diário do Pará*, 5 jun. 2025. Disponível em: <https://diariodopara.com.br/entretenimento/voce/arrastoes-do-arraial-do-pavulagem-2025-veja-as-datas-horarios-e-o-trajeto/>. Acesso em: 29 ago. 2025.

SANTOS, A. M. dos. O conceito de cultura em foco. *Latin American Journal of Development*, Curitiba, v. 4, n. 6, 2022. Disponível em: <https://ojs.latinamericanpublicacoes.com.br/ojs/index.php/jdev/article/view/42/37>. Acesso em: 26 jul. 2025.

SANTOS, Gianne Regina Conceição dos. #SouPavulagem: a relação entre o Arraial do Pavulagem (Belém-PA), tradição e representação social na internet. 2017. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/d59da26e-5204-49be-a065-5af8a4ae4670>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SANTOS, R.; AUGUSTO, A. Nostalgia Belém. Episódio: Ronaldo Silva (Arraial do Pavulagem) - papo nostalgia #56. *Estúdio Santos de Casa - Gabriel Gentil*, 29 jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8REHyj7B4L0&t=0s>. Acesso em: 11 dez. 2024.

SANTOS, Walquíria Lima dos. A dança como processo de engajamento da audiência nos cortejos do Arraial do Pavulagem. *Anais do Congresso da ANPPOM*, 2023. Disponível em: [https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2023/papers/1989/public/1989-7912-1-PB.pdf](https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2023/papers/1989/public/1989-7912-1-PB.pdf). Acesso em: 29 ago. 2025.

SILVA, C. S. Q.; CARVALHO, N. C. A cultura e a educação amazônica na arte dos brinquedos de miriti. *Eccos Revista Científica*, São Paulo, n. 27, p. 17–32, jan.–abr. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71523347002>. Acesso em: 3 set. 2025.

SILVA, K. F. da. Uma compreensão sobre o corpo no teatro pós-dramático: o corpo híbrido. *Cadernos do LINCC*, Natal, v. 2, n. 2, p. 48-59, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/clincc/article/view/14854>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SILVA, Silvia Sueli Santos da. O boi e a máscara: imaginário, contemporaneidade e espetacularidade nas brincadeiras de boi de São Caetano de Odivelas - Pará. 2011. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) — Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/9618/1/Silvia%2520Sueli%2520Silva.pdf>. Acesso em: 3 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Faculdade de Dança. Coordenação do Curso de Licenciatura em Dança. *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Dança – Belém (PPC DANA BELM)*. Belém: Faculdade de Dança, UFPA, [s.d.]. 98 p. Disponível em: [https://faculdadededanca.ufpa.br/images/documentos/PPC\\_DANA\\_BELMdoc.pdf](https://faculdadededanca.ufpa.br/images/documentos/PPC_DANA_BELMdoc.pdf). Acesso em: 23 ago. 2025